

Psicanálise dá samba?

FERNANDA CANAVÊZ*

RAONI MACHADO JARDIM**

Resumo: Com o cuidado de se manter devidamente incompleto, o texto diz de uma implicação dos seus autores com as interrogações que os saberes dos territórios brasileiros podem fazer à epistemologia psicanalítica. O samba, à sua forma, faz-se presente em nossa leitura do mundo, em certo letramento de um *pretuguês* que revela as raízes históricas de questões sociais e subjetivas reatualizadas na contemporaneidade brasileira, sendo escola para efetivar uma *escuta sociopolítica do sofrimento* do nosso tempo. Partindo dessa ideia e apoiados no pilar subversivo da provisoriade psicanalítica, apontamos para a fecunda *encruzilhada* que esse saber pode habitar em solo brasileiro a partir da interpelação que o samba indica quanto às heranças coloniais da psicanálise. Esse apontamento busca resguardar o valor crítico de uma psicanálise que se questiona a respeito de seus ideais terapêuticos quando ensimesmados, por acabarem reproduzindo em última instância o racismo epistêmico.

Palavras-chave: mistura; movimento psicanalítico; modernidade colonial; terapêutica; Brasil.

Does psychoanalysis give samba?

Abstract: With the care to remain incomplete, the text speaks of an implication of its authors with the interrogations that the knowledges of Brazilian territories can pose to psychoanalytic epistemology. In its own way, samba is present in our reading of the world, in a certain literacy of *pretuguês* that reveals historical roots of social and subjective issues updated in contemporary Brazil, being a school to carry out a *sociopolitical listening to suffering* of our time. Following this idea and supported by subversive pillar of psychoanalytic temporariness, we point to the fertile *crossroads* that this knowledge can have on Brazil soil, based on the interpellation that samba can bring about its colonial heritage. This note seeks to safeguard the critical value of a psychoanalysis that questions itself about its therapeutic ideals when taken inwardly, as they ultimately end up reproducing epistemic racism.

Key words: blend; psychoanalytic movement; colonial modernity; therapeutics; Brazil.



* FERNANDA CANAVÊZ é Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Coordenadora do *marginália* - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo.



** RAONI MACHADO JARDIM é Pós-doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (bolsa Fapesp). Membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL/USP). Membro do coletivo Psicanálise na Rua (DF).



Foto: Margarete Mendes em roda de samba na Praça da Harmonia, Rio de Janeiro, novembro de 2022. Acervo pessoal.

*Eu quero ver você sambar
O samba é terapia popular*
(Guilherme Nascimento & Roberto Serrão)

Abram alas

“Isso aqui é mistura!”, esbraveja a cantora carioca Margarete Mendes entre um samba e outro nas rodas por onde passa na cidade do Rio de Janeiro. Conhecida como “a negona do axé”, Margarete é responsável por performances arrebatadoras que muitas vezes levam ao choro emocionado quem se aproxima para se unir ao coro. Há quem diga que a bengala que a acompanha é mágica, capaz de afastar os males da alma, do território e do disparate de achar que podem ser separados.

Se “o samba é terapia popular” (NASCIMENTO & SERRÃO, 1987), como ensinam os versos do hino *Nos pagodes da vida* que introduzem este texto, o que nós, psicanalistas, teríamos a aprender com o caldeirão misturado pela bengala de Margarete? A pergunta pode soar estranha aos ouvidos de colegas do campo que tentam alçar a psicanálise à torre de marfim, de onde, por mais incrível que possa parecer, permanece alheia às questões e ao sofrimento do tempo e dos territórios em que se situa. Essa psicanálise só nos interessa como lembrança de que fazemos parte de um campo em disputa

e, nesse jogo de forças, nossa aposta é aquela da construção de saberes em coalizão com os problemas que nossa época e nosso povo nos endereçam.

Dessa torre, interessa-nos mais a parte do alicerce por onde se deu uma práxis ético-política compromissada socialmente e, como tal, mais alinhada à realidade da imensa maioria da população brasileira. Para exemplificar, é possível citar as policlínicas no entreguerras europeu, ambulatórios criados nos primórdios da institucionalização da psicanálise, com as bênçãos do próprio Freud e a partir de sua preocupação em oferecer tratamentos gratuitos a quem não usufruía dos privilégios da burguesia (FREUD, 1919[1918]/1969). Episódio que, não por acaso e sem consequências, fora praticamente elidido da história do movimento psicanalítico e que, também graças às recentes publicações de *As clínicas públicas de Freud*, de Elizabeth Ann Danto (2019), e *Uma história da psicanálise popular*, de Florent Gabarron-Garcia (2023), reanima as críticas ao caráter majoritariamente elitista da psicanalítica e convoca seus praticantes a revisitarem as posições que ocupam na sociedade e suas respectivas incidências sobre a escuta clínica. Em expressa filiação aos colegas que tentaram escutar as questões de sua época, para além – ou em subversão – da clínica burguesa, desejamos discutir a psicanálise que extrapole seu princípio de poder, marretando os tijolos que ergueram a torre de marfim sob a cantilena repetitiva da identificação com o suposto saber. A título de elucidação, Lélia Gonzalez (2020) ensina que o conceito lacaniano de sujeito suposto saber “se refere a identificações imaginárias com determinadas figuras, às quais é atribuído um conhecimento que elas não possuem (mãe, pai, psicanalista, professor etc.)” (p. 142).

Fazendo eco ao psicanalista Sándor Ferenczi, húngaro da primeira geração da psicanálise, não nos interessa a atitude hipócrita diante da dor do outro, como se pudéssemos ficar “lá tranquilos fumando nosso charutinho” (FERENCZI, 1932/1990, p. 224) e entediados ao escutar os sujeitos que sofrem. Ao contrário, sustentamos que a psicanálise não está tão distante da terapêutica quanto se quer acreditar (MARTINS, 2012), e é bom mesmo que não esteja, já que assim pode se manter suficientemente aberta aos saberes e métodos que fazem sentido para o povo que se propõe a escutar. Se é para falar em charuto por essas bandas de cá, que seja em saudação a Exu e à aposta na encruzilhada entre samba e psicanálise.

Pensamos o samba como uma via de aprendizado sobre as elaborações diaspóricas de um povo e como ele nos diz respeito, de diferentes formas. Nessa escuta definitivamente não há tédio. Escuta-se por implicação, envolvimento, ritmo, cantos coletivos e rotas libidinais diversas. Uma didática desafiadora para quem foi formado no paradigma esquizoide de uma mente que olha para o Norte, descolada do corpo mais próximo ao Sul negro e indígena. Uma clivagem ontológica que caminhou *paripassu* com o capitalismo moderno, a escravidão e a hierarquização racial e epistêmica.

As gramáticas de nomeação dos acontecimentos e padecimentos psíquicos, sabemos, são eminentemente políticas. O racismo à brasileira, via mito da democracia racial (NASCIMENTO, 1978) e da meritocracia, buscou se naturalizar como uma característica da brasilidade, quase como condição dessa “civilização miscigenada”, processo que foi produzido por seus porta-vozes na chamada elite intelectual como eco dos imperativos coloniais.

No caldeirão da Margarete, a mistura é outra: o barato é o cobre, a baqueta de madeira e o couro; todos mais acessíveis que o ouro. Nele não há ordenamento hierárquico, lógica tão arraigada em corredores academicistas e de demais instituições que insistem em se ancorar na areia movediça do solo moderno que tudo quer tragar. Embalados pela bengala da Margarete, sentimos o mito da superioridade sobrar e evaporar, deixando apenas o substrato que alimenta a fome comum.

Quem é a psicanálise numa roda de samba comandada por Margaretes, Beths, Arlindos, Zecas, Ivones, Lecis, Cartolas, Alciones, Bezerras e Reinaldos? Com que roupa vai (ROSA, 1971)? Vai esperar que alguém lhe enderece um suposto saber e desembeste a contar a vida? Vai tomar notas das catarses entoadas coletivamente em busca de algum ato analítico ou interpretação generalista desse povo? Ou vai se entregar à experiência, arrumar uma caixinha de fósforo, batucar na moral e aprender novos usos de acender? Para início de conversa, se for mesmo possível puxar duas cadeiras nessa mesa de bar – uma para o samba e outra para a psicanálise –, talvez caibam duas atenções: 1) O samba vai bem sem a psicanálise, pois se o sambista for natural com sua poesia, “o povo lhe faz imortal” (CANDEIA, 1988), o que imediatamente traz o dever de que a psicanálise chegue no sapatinho quando “a ordem é samba” (PANDEIRO & RAMOS, 1966); 2) Não temos qualquer pretensão de salvar a psicanálise do que quer que seja, mesmo porque entendemos que a expectativa de salvação faria escorrer por entre os dedos

sua marca mais fundamental, qual seja, o poder de (se) colocar em crise.

Sendo assim, este artigo traz, a um só tempo, uma indagação e uma aposta: em que medida o samba e seus saberes – exaltados não só em seus versos, mas em seus causos, histórias e cantos corporificados – interrogam a psicanálise no que ela conserva de sua herança colonial? Afinal de contas, psicanálise dá samba?

“Quando o espelho é bom ninguém jamais morreu”¹

Para o filósofo Derrida (1996), a psicanálise resiste a si própria quando se afasta de sua vocação questionadora e flerta com as promessas de continuidade a todo custo. Enquanto o “samba agoniza, mas não morre” (SARGENTO, 1978), parece que a psicanálise se vê ameaçada quando não se coloca à altura do seu tempo. Entrincheirada em consultórios de bairros mais abastados e em vocábulos em alemão que não alcançam os *tacaracatás* dos nossos tamborins, a psicanálise se afasta do seu predicado múltiplo (CANAVÊZ, 2017) e da possibilidade de aprender “a arte popular do nosso chão” (ARAGÃO, 1986). Seguindo com Jorge Aragão (1986), deixemos a psicanálise imune ao verso “nem tudo que é bom vem de fora” para as férias na Europa, se assim prouver.

O samba, por sua vez, reflete um saber-fazer com o sofrimento distante do modelo subjetivo gestado na modernidade europeia, berço da psicanálise. Tal modelo foi marcado pela introspeção, pela prerrogativa do sigilo a separar em categorias estanques público e privado, por corpos sem requebrado e por uma expectativa de nação que não se

¹ NOGUEIRA, J. & PINHEIRO, P.C. Além do espelho. In: _____. **Além do espelho**. Som Livre, 1992.

concretizou em nossa cultura. O historiador carioca Luiz Antonio Simas (2013) se afirma como herdeiro de conterrâneos que, em resposta à cidadania que lhes fora negada, criaram “esse modo de ser que atropela convenções, confunde, seduz, agride e comove” (p. 37). O vazio refletido no espelho da civilização europeia é preenchido pela cultura do atropelo: primeiro a gente esbarra, estilhaça o espelho europeu, depois a gente entoa uns versos no ritmo do *telecoteço*... “deixa, não perturbe a sua vida, carnaval já vem aí” (CARTOLA & BRADÃO, 1976). É um deixar sem resposta às mais variadas urgências, posição assumida a partir das frestas, dos intervalos de uma expectativa frustrada de civilização.

Aqui o reflexo que as águas espelham não revelou apenas o mito narcísico. Há também um espelho de prata que a rainha das águas e mãe do mundo usa para refletir a diferença dos seus filhos. No samba, o espelho – e o além dele – é cantado por João Nogueira como a forma de ligar a sabedoria e o afeto ao longo das gerações: “A vida é mesmo uma missão, a morte é uma ilusão, só sabe quem viveu. Pois quando o espelho é bom, ninguém jamais morreu” (NOGUEIRA & PINHEIRO, 1992).

O samba sempre passará e, assim, permanecerá. Ao cantar o risco de sua morte, e da imposição de outra cultura (SARGENTO, 1978), ganha direção de tratamento por quem compartilha sua morada. Faz-se na eterna atualização de sua ancestralidade, habitada no ritmo fundido ao corpo. Versos que, tantas vezes distantes de termos técnicos de que a psicanálise se utiliza para lidar com o sofrimento, desfilam o *pretuguês*, conforme batizado por Lélia Gonzalez (1984) para se referir à africanização do idioma por nós falado, ensinado pela mãe-preta aos seus filhos e também aos

que fora obrigada a ensinar. Faz par com o *pretuguês* a orquestra de uma bateria de escola de samba que toca para um orixá, tantas vezes desafiando feitos coloniais exaltados nas letras de sambas-enredo, muito comuns até poucas décadas atrás – especialmente durante a ditadura (SIMAS, 2021). Reconhecer essas gramáticas é também testemunhar uma forma justamente de resistir, pelo vigor da memória, às aculturações e aos epistemicídios que marcaram a chamada consciência, e a cadeia de significantes dela decorrente – civilização-cultura-humano-verdade – forjada em contraposição ao “outro”; repetidas como farsa e, ao não ser reconhecida como tal, atuadas contínua e sintomaticamente como tragédia: em cada jovem negro morto nas periferias do Brasil, em cada liderança indígena morta nas trincheiras pela soberania de seu povo. Sendo testemunha da letalidade do racismo na atualidade brasileira, talvez caiba acrescentar à máxima marxista que a farsa, ao se repetir, segue absolutamente trágica. No caso da escravidão, a tragédia parece ser antecedida da *farsa da raça* – premeditada pelos desígnios de uma demanda capitalista, conforme desenvolvido anteriormente por Jardim (2023).

Até que ponto a psicanálise tem priorizado uma formação histórico-crítica que permita reconhecer e escutar o *pretuguês*? Ainda que o falemos, seguiremos sem perceber a disputa que ele deflagra no seio da linguagem, da política e da relação entre consciência e inconsciente? Até que ponto esse campo tem se implicado em dar consequências clínicas e desdobramentos teóricos ao legado gonzaleano de subversão radical do Édipo freudiano – talvez o mito mais central da epistemologia psicanalítica – a partir de uma afirmativa revolucionária que traz para o centro da cultura

brasileira a mulher, mãe, preta, subalternizada, e recalçada pela consciência de quem detinha a caneta da história oficial?

Pela gramática *pretuguesa*, a “civilização” na qual o mal-estar é condição de existência, como um mínimo necessário de desprazer, ganha asas. As interdições pulsionais próprias à vida em sociedade parece muito pouco para quem foi (contra)posto aos ideais de Eu. Reconhecer o *pretuguês*, também presente nos versos dos sambas, facilita enxergar os efeitos trágicos do mal-estar colonial cotidiano de que fala Faustino (2019). E, ainda, desvelar o furo colonial em certa universalização de um projeto de civilidade que não se percebe particular e regido por uma racionalidade binária e hierarquizante, na qual negros e indígenas foram foracluídos, e seu saberes mantidos em recalque na cultura ao longo da história².

A clivagem da qual falávamos entre o corpo e intelecto, ao mesmo tempo em que foi uma operação central para o progresso do pensamento cartesiano que serviu de esteio cognitivo para o capitalismo moderno, constituiu ponto de partida para conformar a *farsa da raça* em torno da ideia de animalização do não-branco, aproximado da natureza, despossuído de alma, num primeiro momento, e de menor razão, em um segundo. Certamente isso tem a ver com a forma como as expressões culturais e epistemológicas de negros e indígenas foram repelidas inicialmente por uma suposta “cultura nacional” e posteriormente, em muitos casos, tragadas por um circuito de apropriação que busca alienar o seu caráter de resistência e o sentido histórico e subjetivo para os seus criadores e

praticantes. A “mudança cultural”, como nos ensina Hall (1984), é muitas vezes um eufemismo dissimulado do violento processo pelo qual algumas práticas culturais sofrem a tentativa de serem deslocadas do centro da vida popular. Mas a ampla retomada do termo “aquilombamento” dá notícias da diáspora atualizada e das possibilidades de novas relações entre os saberes e seus sujeitos (NASCIMENTO, 2019; DAVID, 2023), seja no samba ou na psicanálise.

A psicanálise tem muito da historicização das repetições e dos marcadores socio-subjetivos de sofrimento. A cada sessão, os sintomas vão revelando o trauma em sua origem. E assim deve ser com a própria epistemologia psicanalítica, quando, por qualquer que seja o apelo, ela se inserir irrefletidamente nos pactos narcísicos da branquitude (BENTO, 2022) que tanto seduz os aspirantes ao ingresso na torre de marfim. Tomando a formação em sua dialética com a clínica, a psicanálise pode ser uma importante ferramenta para que possamos perceber em nós as demandas pela manutenção dessas estruturas históricas de poder nas quais nos inserimos, abrindo espaço para uma implicação ética em suas transformações.

No chão do nosso solo, o tratamento do trauma pode ser entendido também como uma aposta “exusíaca”, conforme retoma Simas (2023): matar o pássaro de ontem com a pedra atirada hoje. Quantos versos de samba e quantas variações de toques de tambor desfazem as giras que carregamos no peito e que resolveram chamar de angústia? Na dialética histórica corporificada do samba cabem teses, antíteses e sínteses entoadas

² Essa ideia se apoia nos diagnósticos de Rita Laura Segato (2006) e Lélia Gonzalez (1984) sobre o racismo e o sexismo brasileiros. Para uma

investigação da relação entre estes diagnósticos ver o texto de Jardim e Souza (2023).

coletivamente a plenos pulmões: Os refrãos! Terreno de Elegbara, sonorificação de Exu. Num tempo próprio é passado, presente e horizonte. Somos tentados a dizer que sua topologia parece incluir o inconsciente, a história e o toque de tambor. A possibilidade de elaborar sobre os sofrimentos e sintomas abre a possibilidade sobre novas formas de repetir e não-repetir; incorporar o tempo sob novo registro; criar um novo mundo subjetivo a partir do ato psíquico e do atrito com a realidade material; um circuito aberto de produção de uma civilidade e de reparação de violências.

No samba, após a resistência ser seduzida pelos ritmos e o recalque ser chamado para a roda, a memória ganha movimento para ser declarada: com punhos em riste, na palma de mão, abrindo o peito ao mundo, na dança dialogada, em choro profundo. O samba é lugar comum e experiência única, entre a memória coletiva e a elaboração singular. Faz emergir o recalcado que confronta a consciência que se pretende soberana. Pois o samba é a música dos que descem ao inferno racial de que fala Fanon (1952/2008) para beber água pura e soprar sobre o mundo o horizonte de “um novo ser humano”, forjado na luta pela emancipação dos dispositivos hierárquicos: “e de guerra em paz, de paz em guerra, todo o povo dessa terra, quando pode cantar canta de dor” (DUARTE & PINHEIRO, 1976). Herdeiro da filosofia de terreiro, o samba está aberto a todos que chegarem com humildade. É mistura também entre o luto e o porvir.

Luto que parece distante daquele postulado por Freud (1917[1915]/1969), circunscrito à sua época e ao seu território. É que nos textos do pai da

psicanálise não estão colocados os matizes psíquicos de um povo que ludibria a morte convidando-a para sambar. Temos velório com festa, o *gurufim* (SILVA & MACIEL, 1980), a prática de beber os defuntos. Relação (festiva) com a morte de extrema importância para um povo que aprendeu, como ensina Zé Ketti (1964), que “acender as velas já é profissão, quando não tem samba tem desilusão”. Se não for possível à psicanálise, do alto da torre de marfim, escutar tantas perdas, motivos para chorar e também o rufar do tambor, só restará mesmo aos nossos colegas fumar na solidão o seu charutinho.

“Findo o carnaval, nas cinzas pude perceber”³

Na contramão dessa imagem sem colorido e no desejo de afirmar a interrogação do samba à psicanálise que se pratica no Sul, apostamos na mistura do caldeirão da Margarete e, pelo menos por ora, no poder de interrogar a psicanálise que o samba pode ter. Não para salvá-la, mas justamente para ajudá-la a morrer no que carrega de herança colonial e, quem sabe, com humildade, amolecer seu requebrado para aprender a escutar com quem por aqui vem tratando de quem é “ruim da cabeça” (CAYMMI, 1951). Vejamos se psicanálise gosta de samba, se “bole” ou se está “doente do pé”.

A razão disse que para existir basta pensar, naquele esforço cartesiano de separar o que sempre foi junto e misturado. Freud, pensando, revelou que onde a razão está suspensa também existimos, ô se existimos! A máxima freudiana “*O ego não é senhor em sua própria casa*” (FREUD, 1917/1976, p.

³ LARA, I. & ARAGÃO, J. Enredo do meu samba. In: SÁ, S. **Enredo do meu samba**. Som Livre, 1984.

178 – grifo do autor) lembra que em relação à expectativa de controle por parte da consciência e da racionalidade moderna estamos sempre descentrados, desabrigados. Também apontou que o não-pensado se manifesta inclusive no corpo, na somatização, no sintoma.

O deus do samba sabe dançar como ninguém. Em sua devoção, ganham tratamento os corpos antes subalternizados, esquartejados de sua significância, alienados do todo para serem consumidos por bárbaros ignorantes ao requerebrado devocional, à nobre malemolência, ao cortejo do tesão e à humildade de seguir a vida. A bunda, a barriga, o cabelo, o pau, a voz, o peito e a boca ganham a sacralidade de sua união – deixando de ser objetos parciais submetidos à lógica predatória do desejo do homem branco (GONZALEZ, 1984). O templo do samba é o corpo de quem bate cabeça aos seus deuses, de quem sabe se misturar no caldeirão sem lançar mão dos velhos dispositivos do poder, de classificação humana e de seus saberes. O caldeirão é a América Ladina! Lélia formula esse conceito-território⁴ com o auxílio da psicanálise a serviço das lutas antirracistas e antissexistas. Psicanálise é meio, e não fim. Não há compromisso com sua manutenção, e sim com os sofrimentos de um povo e com as revoluções necessárias para diminuí-los.

Aqui, de forma alguma é proposta uma pureza inata dos saberes oriundos de um “Sul” idílico, não contaminados, que poderiam se apresentar como salvação aos males de uma modernidade colonial. Essa inversão simplista só poderia ser feita por quem escuta o samba de longe, a uma “distância segura” da complexidade de quem desliza entre o sagrado e o profano tantas vezes que eles deixam de existir como essência. Como

diz Cusicanqui (2018), ao colocar a noção aymara de “ch’ixi”, a uma só vez algo é e não é. Há norte no Sul e Sul no Norte. Não estamos aqui em busca da condenação de um saber e da promoção de outro. Carnaval é muito mais que bloco com arquibancada. Também é a vida valendo em cada dia que antecede o desfile.

Nos interessam as interpelações ritmadas que o samba dirige a quem parece estar pegando gosto por descer do consultório; assim como a ideia de uma formação efetivamente pluriepistêmica que vá além das teorizações sobre o “outro da modernidade” que tendem a aparecer como uma saída-semblante para enfrentar o racismo epistêmico que marca a psicanálise sem que se altere, quando não fortalece, o lugar de suposto saber em seu interior.

Sim, com esse texto corremos o risco de incidir nessa crítica, mas topamos a aventura, pois nos interessam as interrogações que o samba pode produzir à psicanálise. Não é nossa intenção aprofundar uma leitura interna ao samba, até mesmo porque esse é um termo amplo demais, com expressões diversas pelos estados, bairros e quebradas brasileiras, e que exigem largo tempo de aprendizados. Tomamos o samba de forma geral, como escola para nossa vida e, conseqüentemente, para a nossa escuta; aprendemos o *pretuguês* em seus versos para afiar a escuta sociopolítica (ROSA, 2016); e ansiamos, sem mesmo ter ideia do destino, pelas encruzilhadas que a psicanálise pode habitar a partir dos saberes já existentes nesse solo e de quem vem lidando com os “traumas que Freud não explica” (ALELUIA, 2017).

⁴ Lélia Gonzalez (1984), partindo do conceito de América Ladina, de M.D Magno, traz novos

contornos e, em seu vigor político, o toma como horizonte revolucionário da luta antirracista.

Certamente a tomamos – a psicanálise – por estarmos convencidos de seus efeitos em nós e em nossa escuta. Em que pese todos os ranços coloniais, patriarcais, sexistas, etc., insistimos nela... não sem insatisfação. Pensando com Bion (1978/1992), é perigoso ficar satisfeito com a “nossa própria psicanálise” (p. 9), ainda que todos nós tenhamos dificuldades com a “(...) tempestade que implica o ato de rever nossas visões (...) a pressão para dizer ‘daqui não passo’ estabelece uma resistência ao aprendizado” (p. 9).

Devidamente advertidos pelo verso “tá chovendo de gente que fala de samba e não sabe o que diz” (ARAGÃO, 1999), nos atrevemos a dizer que o samba pode ser uma boa tempestade epistemológica para botar à prova o princípio mais bonito da psicanálise: a provisoriedade. Orientado por ela, talvez esse saber fique confortável sem seus ternos, gravatas borboletas e a solidão de um consultório esfumaçado. Quem sabe assim, encharcado e menos trajado, ainda que desajeitadamente (como esse texto), vá ganhando ritmo e fecundidade nesse solo.

Referências

- ALELUIA, M. Fogueira Doce. In: _____. **Fogueira Doce**. MM RIGHTS, 2017.
- ARAGÃO, J. Coisa de pele. In: _____. **Coisa de pele**. RGE, 1986.
- _____. Moleque Atrevido. In: _____. **Tocando o Samba**. Indie Records, 1999.
- BARBOSA, M. & SANTOS, L. **Paulo da Portela: traço e união entre duas culturas**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BION, W. R. **Conversando com Bion. Quatro Discussões com W.r. Bion; Bion em Nova Iorque e em São Paulo**. Ed. Imago. 1992.
- CANAVÊZ, F. Da resistência autoimunitária ao múltiplo na psicanálise. **Psicologia USP**, v. 28, n. 3, p. 424-431, 2017.
- CANDEIA. Testamento de partideiro. In: _____. **Candeia**. Funarte, 1988.
- CAYMMI, D. O samba da minha terra. _____. **Eu vou pra Maracangalha**. Odeon, 1951.
- CARTOLA & BRANDÃO, L. Deixa pra lá. In: BRANDÃO, L. **Questão de gosto**. Polydor, 1976.
- CUSICANQUI, S.R. **Un mundo ch'ixi es possible: ensayos desde un presente em crisis**. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones, 2018.
- DANTO, E.A. **As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DAVID, E.C. **Aquilombamento da saúde mental: cuidado antirracista na atenção psicossocial infantojuvenil**. São Paulo: HUCITEC, 2023.
- DERRIDA, J. **Résistances de la psychanalyse**. Paris, France: Galilée, 1996.
- DUARTE, M. & PINHEIRO, P.C. Canto das três raças. In: NUNES, C. **Canto das três raças**. EMI Odeon, 1976.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008. (Original publicado em 1952).
- FAUSTINO, D. O mal-estar colonial: racismo e o sofrimento psíquico no Brasil. **Revista Clínica e Cultura**, v.8, n2, p.82-94. 2019.
- FERENCZI, S. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Original publicado em 1932).
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas – Vol. XIV** (pp. 271-194), 1969. (Original publicado em 1917[1915]).
- _____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas – Vol. XVII** (pp. 169-179), 1969. (Original publicado em 1917).
- _____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas – Vol. XVII** (pp. 199-211), 1969. (Original publicado em 1919[1918]).
- GABARRON-GARCIA, F. **Uma história da psicanálise popular**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na cultura

Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, F. & LIMA, M. (Orgs.). **Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios intervenções e diálogos** (pp. 139-150). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, S. Notas sobre la deconstrucción de lo popular. In: SAMUEL, R. **Historia popular y teoría socialista**. Barcelona: Grijalbo, 1984.

JARDIM, R.M.M & SOUZA. H. P. Lélia Gonzalez: Uma Ponte entre a Descolonização e a Contracolônização da Psicanálise Brasileira. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2023 (no prelo).

KETI, Z. Acender as velas. In: _____. **Acender as velas/Nega Dina**. Mocambo, 1964. LARA, I. & ARAGÃO, J. Enredo do meu samba. In: SÁ, S. **Enredo do meu samba**. Som Livre, 1984.

MARTINS, C.R. **Psicanálise e psicoterapia: de que se trata?** 2012. 166f. (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Paz e Terra, 1978.

_____. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, G. & SERRÃO, R. Nos pagodes da vida. In: Reinaldo. **Aquela imagem**. Gel Continental, 1987.

NOGUEIRA, J. & PINHEIRO, P.C. Além do espelho. In: _____. **Além do espelho**. Som Livre, 1992.

PANDEIRO, J. do & RAMOS, S. A ordem é samba. In: PANDEIRO, J. **Cabra da peste**. Continental, 1966.

ROSA, N. Com que roupa? In: _____. **Noel por Noel**. Imperial, 1971.

ROSA, M. D. **A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

SARGENTO, N. Agoniza mas não morre. In: CARVALHO, B. **De pé no chão**. RCA Records, 1978.

SEGATO, R. L. **O Édipo Brasileiro: A Dupla Negação de Gênero e Raça**. Série Antropológica. Brasília. 2006.

SIMAS, L. A. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

_____. (2021). **Luiz Antônio Simas**. Programa Outro Mundo. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/05CI7XZnU9S3k5YluXqPsX?si=7vkR4ngmS8qB24agp58T4g>. Acesso em 24 jun. 2023.

Recebido em 2023-06-29
Publicado em 2024-05-31